

Call for Papers - Latin American Perspectives

O Brasil sob Bolsonaro: impactos sociais, políticos e econômicos no país e na América Latina.

O pensamento conservador e os partidos de direita estão em ascensão em todo o mundo. Líderes políticos foram eleitos seguindo tal tendência. Trump nos Estados Unidos, Erdogan na Turquia, Duterte nas Filipinas e Bolsonaro no Brasil são exemplos ilustrativos. Nacionalismo, antiglobalização e populismo são alguns dos termos que os acadêmicos, a mídia e os cidadãos tem usado para explicar o fenômeno.

Estamos vivendo uma nova onda de fascismo? Por que os direitos humanos, grupos socialmente marginalizados e ativistas sociais e políticos estão sob ataque? A democracia está em perigo? Em 'Como as Democracias Morrem' (2018), Steven Levitsky e Daniel Ziblitz argumentam que a conjuntura atual impele novas maneiras de colapsar as democracias. Diferentemente do "modo espetacular" dos golpes militares anteriores, hoje em dia "as democracias podem morrer nas mãos de generais, mas também de primeiros ministros ou presidentes que subvertem o próprio processo que os levou ao poder".

Portanto, torna-se relevante explicar o porquê de Jair Messias Bolsonaro, um político de baixa patente que representa a extrema direita da política brasileira há quase três décadas, foi eleito o 38º presidente da República do Brasil. Tal personagem da política brasileira que se notabilizou, dentre outros fatos, pelas seguintes declarações: "Eleições não vão mudar nada neste país. Só vai mudar no dia em que entrarmos em guerra civil e fizermos o trabalho que o regime militar não fez.", "Eu sou a favor da tortura, você sabe disso".

Jornais e revistas de todo o mundo, de ampla gama de perspectivas ideológicas, reagiram à sua eleição, principalmente, com apreensão. A revista britânica The Economist escreveu imediatamente antes das eleições que "o provável presidente (Bolsonaro) está revivendo o casamento profano da América Latina entre economia de mercado e autoritarismo político". A manchete do artigo do The New York Times sobre a posse presidencial dizia: "Jair Bolsonaro prestou juramento como presidente do Brasil, 'consolidando uma guinada à direita'". Esses exemplos mostram como os observadores mundiais parecem profundamente preocupados com a democracia brasileira e os efeitos que a eleição de Bolsonaro terá sobre as políticas internas e externas do país.

No Brasil não é diferente. Jornalistas, políticos, artistas e acadêmicos indagam sobre os possíveis efeitos da eleição de Bolsonaro na economia, na política, nos direitos humanos, no meio ambiente, nos povos indígenas e afro-brasileiros, na comunidade LGBTI e nos segmentos sociais fragilizados do país. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que estava relutante em criticar abertamente o candidato antes das eleições, declarou que Bolsonaro poderia colocar em risco a imagem do Brasil no exterior. Rubens Ricupero, um dos diplomatas mais experientes do Brasil, afirmou que as propostas de Jair Bolsonaro "poderiam deixar o Brasil mais pobre, isolado e desprezado".

Embora Bolsonaro tenha sido eleito, em parte, por causa de uma onda de sentimento anticorrupção e anti-Partido dos Trabalhadores (PT), as preocupações sobre a democracia brasileira não devem ser negligenciadas. Depois de mais de três décadas de reconstrução de instituições democráticas no Brasil, um ex-capitão com histórico de declarações e atitudes antidemocráticas, homofóbicas, misóginas e racistas tornou-se presidente do maior e mais rico país da América do Sul. Tais fatos clamam por análises e interpretações, havendo muitas possíveis abordagens para estudar as razões e conseqüências da eleição de Jair Messias Bolsonaro.

Em sintonia com tais preocupações, a Latin American Perspectives convida a toda a comunidade acadêmica a apresentar artigos para avaliação de seu conselho editorial sobre os impactos políticos, econômicos e sociais do governo Jair Bolsonaro para o país, a América Latina e o mundo.

Abaixo alguns debates acadêmicos e teóricos que os autores podem levar em consideração em seus estudos a serem submetidos à LAP.

Em *Como funciona o Fascismo* (2018: 188), Jason Staley argumenta que “os mecanismos da política fascista se apoiam mutuamente. Eles tecem um mito de distinção entre nós e eles que, baseado em um passado fictício romantizado, ameaçam nossa tradição”. Em *From Fascism to Populism in History* (2017), Federico Fichelstein defende que o velho e o novo populismo e as experiências fascistas não podem ser reduzidos as suas condições nacionais ou regionais. “Agora não temos desculpa para permitir que o narcisismo geopolítico se posicione contra a interpretação histórica, especialmente ao analisar ideologias que cruzam fronteiras e oceanos e até influenciam uns aos outros (xii).” Nesse sentido, o populismo e o fascismo não estão localizados na Europa, Estados ou América Latina, já que são fenômenos transnacionais.

Levando em consideração tais argumentos, os editores encorajarão os autores a debater as questões teóricas que explicam a ascensão de Bolsonaro ao poder. As atuais abordagens analíticas do populismo e do fascismo contribuem para o entendimento de Bolsonaro? Que novas compreensões teóricas estão sendo desenvolvidas para explicar o fenômeno?

A edição de LAP também deve contribuir para o entendimento de como como as relações de classe foram transformadas com as políticas sociais dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, quando o Brasil experimentou um surto de crescimento nos primeiros anos do século XXI. Ao mesmo tempo, observou-se enfraquecimento dos principais setores industriais brasileiros, fato que faz diminuir a importância dos sindicatos tradicionais urbanos. Até que ponto estas mudanças afetaram as relações de classe no Brasil? Qual o impacto da expansão da economia informal e o crescente número de trabalhadores temporários e não permanentes nas relações de trabalho tradicionais?

Outra questão essencial é o papel do sistema judiciário no processo político brasileiro, uma vez que Matthew M. Taylor (Dados, 2007) demonstrou o erro de excluir esse setor do Estado das

análises. Neste sentido, pergunta-se em que medida o judiciário se tornou um instrumento político para defender uma visão conservadora do Brasil, usando o crime e a corrupção como meio de alimentar a polarização política?

O papel da mídia tradicional e das novas mídias como atores políticos também deve ser abordado, uma vez que eles são responsáveis pela maior quantidade de fluxo de informações dentro do país, oferecendo aceitação e legitimidade à agenda política de Bolsonaro. Fábio Konder Comparato (2000: 134) afirmou que “em países onde o regime oligárquico claramente prevalece sob uma aparência democrática, como no caso do Brasil,(...) a comunicação de massa é feita por grupos privados, intimamente ligados aos interesses de sua classe.” Nos últimos vinte anos, com as mudanças e avanços na tecnologia da informação, quais foram os impactos na arena política?

Debates sobre a mudança do papel dos Estados Unidos no século XXI também são relevantes para essa questão. Em 2008, Nikolas Kozloff (*Revolução! América do Sul e a Ascensão da Nova Esquerda: 1-2*) apontou que “recentemente a América do Sul, longe de se encaixar no estereótipo de uma região de 'repúblicas das bananas', parece ter se tornado mais crítica”. Referindo-se à mudança na região depois que os governos esquerdistas tomaram o poder e diminuíram a capacidade dos EUA de garantir vantagens para os negócios americanos, Kozloff argumenta: “Em toda a região, os governos mantiveram as companhias petrolíferas americanas sob algum tipo de controle. Além disso, as corporações foram forçadas a entregar uma parcela maior dos lucros ao Estado e, em alguns casos, foram obrigadas a entrar em *joint venture* se fossem governos nacionais (2).” De modo precipitado, Kozloff escreveu que “parece que os dias em que os empresários norte-americanos deram as cartas terminaram” (2). Mais de uma década depois destas considerações, essa afirmação ainda é válida?

Outro tema a observar seria o papel dos militares nessa conjuntura em evolução. Como Kozloff também observou, no início do século XXI “em alguns casos, os militares se aliaram a regimes esquerdistas recém-eleitos e cortaram laços militares com os Estados Unidos (2)”. Os acontecimentos mais recentes no Brasil e em outras partes da América Latina, indicariam conclusões diferentes?

Os editores também incentivam análises das consequências do uso de mensagens racistas, misóginas e homofóbicas na campanha presidencial brasileira de 2018 e nas políticas governamentais de Bolsonaro, bem como o surgimento de formas de resistência a tais políticas. Ainda, recomenda-se abordagens relativas às maneiras pelas quais movimentos urbanos, rurais, ambientais, indígenas, afro-brasileiros, LGBT, feministas e outros respondem às novas políticas governamentais.

Diretrizes para autores

Para evitar a duplicação de conteúdo, os autores podem entrar em contato com os editores para que eles saibam de seu interesse em enviar o tópico proposto. Encorajamos o envio dos trabalhos

assim que possível. No entanto, a chamada permanecerá aberta enquanto estiver publicada no site do LAP.

Os manuscritos devem ter no máximo 8.000 palavras, corpo 12, espaço duplo, incluindo notas e referências, e devem ser paginados. O manuscrito deve incluir um resumo de no máximo 100 palavras e 5 palavras-chave. Inclua uma folha de rosto separada com identificação do(a)(s) autor(es), informações biográficas básicas de contato, incluindo e-mail e endereço postal. Por favor, siga o guia de estilo LAP, que está disponível em www.latinamericanperspective.com na aba "envios".

Por favor, use a aba "Sobre" para detalhes sobre a revisão do manuscrito processo.

Os manuscritos podem ser submetidos em inglês, espanhol ou português. Se o envio for em espanhol ou português, por favor, indique se você terá dificuldade em ler a correspondência do escritório da LAP em inglês. O LAP irá traduzir para o inglês os manuscritos aceitos em espanhol e português. Se você não escreve em inglês, por favor, envie em seu primeiro idioma. Todos os manuscritos devem ser trabalhos originais que não tenham sido publicados em inglês e que não estejam sendo submetidos ou considerados para publicação em inglês em outro lugar de forma idêntica ou similar.

Sinta-se à vontade para entrar em contato com os Editores. No entanto, as mensagens devem ser enviados para o escritório da LAP pelo e-mail lap@urc.edu com o assunto - Seu nome - MS BrazilunderBolsonarioissue

Cordialmente,

James N. Green: james_green@brown.edu
Tulio S.H. Ferreira: tulioferreira@gmail.com
Editores da edição